

Homoíne com “João Dias”

Crónica de António Ferminq

Quando deixámos a cidade de Inhambane, 3 de Fevereiro, rumo a Homoíne, capital provincial trajava de gala, em homenagem aos Heróis. A multidão à volta da praça principal, a dos Heróis, vivia o momento solene da deposição de flores com tal aprumo que do «ferry-boat» em que deslizávamos, mal distinguíamos os homens da banda musical dos seus instrumentos ora emudecidos, e as irrequietas ancas das mulheres do zore confundiam-se na quietude com as copas das árvores perfiladas como os militares de cujas mãos o sol arrancava reflexos. Inhambane foi-se reduzindo a uma fila de edifícios da qual sobressaía a catedral, à medida que nos aproximávamos da Maxixe, a segunda cidade provincial.

Estávamos muito em baixo, de ânimos, quando desembarcámos. Nada de especial pudemos ver naquela cidade, nem mesmo o modernismo do «Land-Crusier» em que viajaríamos nos impressionou. Tínhamos as mentes ocupadas com a interrogação sobre o que seria uma dinamização literária em Homoíne... Difícil de crer, alguém diria «Somos a Brigada João Dias... Viemos fazer uma dinamização literária!»... Num distrito!

Verdade é que na impecavelmente limpa cidade de Inhambane «Céu», onde quem é apanhado a pisar os saudáveis relvados «chupa» uma multa, ainda não se nos tinha sido dada a oportunidade de supreender uma só conversa que não fosse em português, mas, e logo lá, a participação dos locais em saraus já realizados não fora das famosas.

Não há dúvidas, o trabalho em Homoíne não resultaria senão em aborto», alguém se atreveu a divulgar, o que todos pensavam, quebrando momentaneamente a meditação geral em que adormeciam todos os ocupantes da viatura. Fingí concentrar-me no sem-fim de coqueiros e cajueiros dispersos por entre as mandioqueiras rejuvenescidas pelas últimas chuvadas, torcia o pescoço da esquerda para a direita e vice-versa para não perder ne-

nhum pormenor da paisagem quando o nosso guia informou que estávamos na «Alta Maxixe». Não prestei atenção aos comentários dos meus colegas, perdi-me em cogitações, voltando a recuperar presença espiritual quando a voz do guia se voltou a ouvir:

— Estamos no Rio Nhanombe.

— Rio quê?

— Nha-nom-be! Nhanombe — soletrou o guia.

— Ah, Nhanombe! Mas eu nunca ouvi esse nome — confessou o Zita, secundado pelo Adriano: «Eu também não... Não vem no mapa?»

— Não, não vem — confirmou o guia na altura em que rodávamos sobre a ponte do desconhecido rio, cujo leito se apresentava coberto de vegetais dos pântanos, não se podendo vislumbrar um pouco que fosse de água.

Longe de nos divertirem os triunfos sucessivamente somados pelo nosso carro na transposição dos inúmeros obstáculos em que se resume a picada que nos suportava, inquietavam-nos, obcecados com a derrotista ideia do insucesso. O carro passou a deslizar com suavidade, estamos sobre um asfalto subitamente aparecido, à medida que rareava as familiares cabanas de «macuti», designação do colmo em línguas locais.

Um tapete de grama verdinha rasgou o asfalto ao meio, emprestando-lhe uma beleza quanto a nós inesperada, recebeu-nos e conduziu-nos à cidadela construída sobre uma pequena elevação. Sob as frondosas sobras de mangueiras, a população reunida não foi tentada pela nossa chegada, permaneceu onde estava, observando-nos de longe quando éramos recebidos pelas autoridades locais.

Dispersámos atraídos cada um pelo que mais lhe interessava observar de perto. Acabámos por nos reunir todos, instantes depois à volta da orquestra local de marimba que preparava os seus desconhecidos instrumentos de patente originalidade.

Ao ritmo daquelas timbilas ouviríamos momentos de

pois rugidos de feras enraivecidas, relinchos de águas esporeadas em desenfreados galopes por guerreiros vestidos de peles de animais, empunhando inofensivos machados de madeira, lanças e flechas de menino e empunhando nas mãos esquerdas frágeis escudos de pele de vaca com destino a Pretória onde iam cumprir uma missão de vingança. Mondlane, Machel, Josina, entre tantos, foram evocados pelos cerca de 7 agrupamentos culturais com provada criatividade, ora em prantos ora em clamores de vingança.

O M'SAHO

Depois do almoço servido no Hotel de Homoíne visitámos o complexo agro-pecuário de Xinguinguire onde nos surpreendámos com a capacidade de produção que nos era dada a ver: algodoais, arrozais, milheiros que a vista não conseguia enxergar o fim. Ainda incrédulos no que víamos e já estávamos na aldeia a conversar com os antigos combatentes, posto o que retornámos à vila.

O excitante rufar de tambores do «chissesse», a carga emotiva dos poemas cantados em tswá em harmonia com as cabriolas dos rapazes e raparigas da marimba, foram de efeito impressionantemente contagiante.

A nossa timidez ruiu. Alguém sugerira que traduzíssemos os poemas como se fizera com o discurso do substituto do administrador. Macacos me mordam se alguém estava vocacionado para tão ingrato trabalho, aliás, vencida a timidez, lemos os nossos poemas acompanhados de uma mímica e gestual tão expressivas que ninguém duvida que os homoinenses tenham percebido o conteúdo.

Também não faltou originalidade espontânea, alguns de nós criaram já no coreto poemas em guitonga e changane, o que impressionou bastantemente os presentes.

Maldito tempo que não permitiu a todos os inscritos a sua vez de declamar. Mas garantia de prosseguirem os M'sahos em Homoíne ficou lá uma vez criada a comissão para o efeito. Quem sabe se aquela servente do hotel, um dos que manifestaram junto a nós o seu descontentamento por não terem podido declamar no primeiro sarau, não terá tido já a sua chance?